

CAPÍTULOS QUE GABRIEL SOARES DE SOUSA DEU EM MADRID AO SR. D. CRISTOVAM DE MOURA CONTRA OS PADRES DA COMPANHIA DE JESUS QUE RESIDEM NO BRASIL, COM UMAS BREVES RESPOSTAS DOS MESMOS PADRES QUE DELES FORAM AVISADOS POR UM SEU PARENTE A QUEM OS ELE MOSTROU.

*Posto que os Padres se consolam com o que diz o Salvador, bem-aventurados sereis quando vos perseguirem e maldizerem, mentindo, pareceu necessário responder alguma coisa em favor da verdade, posto que bem se pode crer de pessoas que deixaram o que tinham e puderam ter licitamente, por servir a Deus e salvar suas almas, não fariam coisas tão desordenadas como o autor aqui lhes põe. O qual diz assim:*

Mete-me v. m. em grande perigo de descrédito com os nossos Padres da Baía, se souberem que lhe dei estes apontamentos. E porque lhes disse por vezes que me não edificava do que se neles contém, parecia a alguns muito feio e que lhes não tinha o respeito devido; mas obedecendo ao que me v. m. manda, encomendando-lhe o resguardo que convém, digo:

Resposta. – *Tem muita razão o informante de temer o grande perigo em que põe o seu crédito com os Padres da Companhia que estão na Baía, que sabem a verdade das coisas que aponta, as quais para informar delas a S. M. houveram de ir mais apuradas. Além disso para que seu zelo ficara mais livre de suspeita, houvera de contar as coisas simplesmente, sem se meter em julgar a intenção com que foram feitas, como ele julga, que pertence a só Deus, como fez em muitos destes apontamentos.*

1ª Informação. – Que os primeiros anos da residência dos Padres da Companhia no Brasil, estiveram tão benquistos e recebidos dos moradores deste Estado, que os serviam e adoravam como a deuses da terra, por suas grandes virtudes e exemplar vida e costumes, e por se acomodarem com o que a terra permite, e se compadecerem das necessidades dos homens e lhes valerem em seus trabalhos e tribulações com os governadores, capitães e mais justiças, que por seu respeito faziam o que lhes aconselhavam que convinha ao bem da terra e aos moradores dela. 348

Resposta. – *Quando o informante veio ao Brasil que foi no ano de 69, já os Padres havia 20 anos que estavam nele, pois os primeiros vieram no ano de 49, com Tomé de Sousa que veio povoar, pelo que o que neste apontamento diz não é de vista senão de ouvida. E é para espantar, tendo ele aos Padres o amor que aqui mostra, dar tão facilmente crédito a coisas tão boas. Mas parece que faz mais assim a seu propósito para que, quando disser deles os males que pretende, lhe seja dado crédito.*

2ª Informação. – Pelo que os governadores, Bispos, capitães e a governança dos povos buscavam todos os remédios possíveis para que os Padres tivessem o necessário para sua manutenção, dando-lhes de suas fazendas todos os mantimentos que a terra dá, e ajuda para as mais despesas, fazendo-lhes suas obras e recolhimentos.

Resposta. – *A manutenção dos primeiros Padres e dos que vieram até a fundação dos colégios, El-Rei Dom João de Boa Memória lha mandava dar, [scilicet???] um tanto de mandioca e arroz e um cruzado cada mês, para cada um, como se pode ver nos livros de*

*sua fazenda. E dizer que os governadores, Bispos, etc. nos davam de suas fazendas todos os mantimentos que a terra dá não passa assim. É verdade que o povo lhes dava suas esmolas como a pobres, do que podiam, conforme a sua pobreza.*

*As primeiras moradas que os Padres tiveram, que eram umas pobres casinhas de taipa cobertas de palha, seu suor e trabalho lhes custou, acarretando a suas costas a madeira e água. É verdade que o povo os ajudava com lhes emprestar seus escravos e com o mais que podiam. As que agora têm eles também as fizeram, parte com a esmola que El-Rei Dom João lhes mandava dar, que por muitos anos se não pagou por a pobreza da terra, parte com ajuda que lhes deu El-Rei D. Sebastião, e, principalmente, com sua indústria e trabalho.*

349

3ª Informação. E porque os Padres iam crescendo e tinham necessidade do favor de El-Rei escreveram os sobreditos a S. A. por vezes com tanta instância que houve por bem de os ir favorecendo com suas esmolas, e outros favores, até que chegaram a ter os três colégios, da Baía, Pernambuco e Rio de Janeiro, oito mil cruzados cada ano de S. A. e muitas terras de sesmaria que os governadores lhes deram e os capitães e alguns moradores lhes deixaram e doaram suas fazendas.

Resposta. – *Não estimava tão pouco El-Rei D. João a conversão do gentio do Brasil, nem aos Padres da Companhia que para isso mandou com seu primeiro Governador, que tivesse necessidade de lhe lembrarem favorecê-los, quanto mais fazerem-lhe nisso tanta instância, como ele diz; nem em Portugal estavam tão faltos de quem por eles falasse, que tivessem tão grande necessidade do favor dos de cá. Se ele fala do que a governança desta Baía fez pelos Padres em seu tempo pôde-o saber porque sempre procurou andar neste governo. Mas bem sabe que não escreveu à Câmara em favor dos Padres, antes pelo contrário, e com tanta verdade e certeza que os outros se queixam que ele e um seu amigo desacreditaram as cartas da câmara. El-Rei D. Sebastião, sucedendo no zelo da conversão como no reino de seu avô, fundou os três colégios que diz, dando-lhes renda certa para cento e trinta religiosos, à razão de vinte mil réis para cada um, que fazem seis mil e quinhentos cruzados, como parece pelos padrões, e não oito mil como ele diz.*

4ª Informação. – E durou esta conformidade dos Padres com os Governadores, Bispos e moradores deste Estado até que deixou de governar a Companhia o P. Luiz da Grã, que foi neste Estado muitos anos provincial, o qual com sua prudência se acomodava com os tempos e conservou com tanto tento e crédito em que a Companhia estava na terra e amizade dos moradores dela, que era mais obedecido de todos os superiores grandes e menores da terra, que dos mesmos religiosos. Com a qual amizade e conformidade tudo era quietação e caridade, o que se acabou e desterrou como o dito Padre não foi provincial.

350

Resposta. – *Os Padres sempre procederam com os moradores como agora, mas eles não procedem como quando eram poucos e não faziam coisas com que cerrassem a porta aos sacramentos, com que os Padres os consolavam, o qual agora e em todo o tempo hão de achar menos os que fazem o que não devem com os índios; e daqui nascem as queixas, e durarão enquanto estes agravos durarem, os quais muito cresceram depois que o sertão foi aberto por Luiz de Brito, que haverá dezoito anos pouco mais ou menos, do que o informante bem sabe pela muita parte que lhe coube. E se os índios não foram, de que a Companhia tem particular proteção pelo que importa à conversão, os Padres foram ainda agora adorados como deuses a dito de todos, mas eles têm conta com o que mais importa.*

5ª Informação. – E lhe sucedeu o P. Inácio Tolosa que foi por provincial à Baía e levou muitos religiosos de Portugal, os quais como acharam o colégio da Baía com 4.500 cruzados de renda de El-Rei cada ano, muitos currais de vacas, muitas propriedades de que lhes pagam muita renda, uma fazenda onde lhes iam os mantimentos necessários, e cinco aldeias de índios forros, de que recebem grande serviço, e outros proveitos e outra muita fábrica do serviço do colégio, entenderam que não tinham necessidade de ninguém, como na verdade passava e não pretenderam seguir mais que seus proveitos, demarcar terras, fazer casas de prazer para sua recreação, haver provisões de El-Rei com grandes isenções e jurisdições nas aldeias dos índios forros; e em umas coisas e outras procederam com tanta ingratidão que escandalizaram todo este Estado e moradores dele por não fazerem conta dos grandes serviços que tinham feito à Companhia, com o que ficaram os Padres muito odiosos ao povo.

Resposta. – *O Padre Inácio não achou o colégio feito nem começado; moravam os Padres numas pobres casas de taipa e terra que ainda estão em pé, ele o começou e pôs a fábrica que se requeria, sem agravo de ninguém por na terra não haver outro cômodo, nem dinheiro que bastasse para comprar tudo ainda que se achara. Não tem o colégio 4.500 cruzados senão 3.000 como consta do padrão. Tem alguns currais de gado com o qual, além de fazer serviço ao povo em lhe não tomar a carne que ele há mister e de que não é abastado, cumprem com suas necessidades que sem eles era impossível sustentar-se, como é notório. A renda que tem das propriedades não passa de 12\$000 rs. Tem uma fazenda, donde tem os beijus e farinha para sua mesa e para a gente, compram cada ano mais de cento e cinquenta mil rs. de mantimento. As Aldeias, que tem, são de El-Rei e do povo, e dos índios nos servimos, como os mais da terra, por seu estipêndio, e não têm os Padres estas aldeias como eles têm as suas, em Jaguaribe, e outros particulares em suas terras, das quais eles sós se servem, e ninguém se atreve a bulir nelas, nem são mais que quatro aldeias, as quais se vão consumindo, pelos contínuos serviços em que os trazem, de guerras, rebates de Ingleses, fortes, baluartes, ir às minas com o informante, e coisas semelhantes. Demarcaram suas terras como eram obrigados, pois são bens eclesiásticos. Fez-se no tempo do P. Inácio uma casa de taipa, e coberta de palha, fora da cidade para os nossos estudantes irem lá os dias de sueto, como a Companhia procura ter em todas as partes, para a conservação da saúde dos seus. As isenções e jurisdições, de que fala, não eram em proveito dos nossos, senão dos índios como se pode ver pelas provisões, como, que não fossem os índios obrigados por certos anos a pagar dízimos, senão que os gastassem com seus pobres, doentes e confrarias; que não fossem obrigados a servir aos portugueses em suas casas mais que um mês contínuo, e outras semelhantes, com que se atalhavam muitos inconvenientes, como de se amancebarem e deixarem-se esquecer. Até agora não experimentaram pela bondade de Deus, o ódio do povo, nem mostra coisa em que se enxergue a ingratidão que lhes põem, nem como lhe pode ser manifesto o escândalo de todo este Estado que contém algumas quatrocentas léguas de costa, nunca saindo ele do termo desta Baía.*

351

6ª Informação. – E ordenaram logo demarcar suas terras por si sós, como lhes pareceu, com a qual demarcação entraram por muitas herdades alheias, e lançaram fora delas aos que as possuíam, sem serem ouvidos em juízo de sua justiça, tendo os possuidores títulos das mesmas terras, com os quais estavam nelas de bom título, os quais querendo requerer sua justiça não foram a isso admitidos por os Padres dizerem que não tinham juiz se não em Roma. E porque procederam contra este povo com graves excomunhões, por via de seu conservador, foi forçado despejarem as terras. Das quais lançaram fora alguns moradores, tão pobres que ficaram sem nenhum remédio para se

352

sustentarem, pelo que ficou a cidade do Salvador e toda a Baía tão escandalizada, que até hoje clamam de tamanha força como por esta vez lhe foi feita.

Resposta. – *O contrário se prova por escrituras, porque as terras se demarcaram pelo Ouvidor Geral, por provisão de S. A. sendo as partes citadas e ouvidas, e porque os títulos do colégio são mais antigos, e confirmados por El-Rei mandou que se cumprissem. O conservador obrigação tem de os conservar com justiça e proceder contra, os que indevidamente ocupam as terras e bens da Igreja, e em tudo se guardou o direito das partes; e contra os revéis, depois de intentar outros remédios, se procedeu com as armas da Igreja que é a excomunhão. O que se pode crer é que o informante nunca cuidou que isto podia vir à notícia dos Padres, que pudessem mostrar a verdade das coisas, ou que S. Mage. só pelo que lhe ele dissesse em Madrid, havia de proceder em coisas tão pesadas sem mais averiguar a verdade delas.*

7ª Informação. – E depois, por algumas vezes, no termo da Baía, fizeram os mesmos agravos e forças a outras pessoas, e na capitania dos Ilhéus, no rio do Camamu, que estava povoado de muitos moradores, os quais foram lançados fora de suas fazendas sem serem ouvidos, com excomuniões cruéis, postas pelo seu conservador, que, como idiota, sem entender o que fazia pôs as mesmas excomuniões a todos os oficiais de justiça secular, se tomassem a estas pessoas protestos alguns ou fizessem a seu requerimento alguns autos, para os pobres não terem papéis por onde constasse a força e agravo que lhes faziam.

Resposta. – *O contrário se prova por escritura e papéis autênticos, e as terras de Camamu, de que fala, foram dadas pelo capitão dos Ilhéus a Mem de Sá no ano de 1544 (? ) e ele as deu de esmola ao colégio no ano de 1563, como tudo se mostra por escrituras, e foram demarcadas pelo ouvidor geral e ouvidas as partes como está dito.*

8ª Informação. – Do que verbalmente se queixaram ao capitão dos Ilhéus que quis acudir a isso, os quais pelo caso foram declarados por excomungados e lançados de participantes, e vindo estes ministros a uma ilha, aonde estava um Padre com um Irmão, um criado leigo e muitos índios, os não quis deixar desembarcar, que lhe mandou impedir com muitas frechadas, que os índios atiraram ao barco, onde feriram algumas pessoas, e correu isto com tanto rigor que não bastou este mau tratamento, mas foi necessário muita valia para absolverem aos que se queixaram à justiça e ministros dela, porque os ouviram, e ficaram muitos desses pobres homens destruídos e sem remédio, por ter metido em suas fazendas o cabedal que tinham.

Resposta. – *O contrário está provado por papéis, e a justiça dos Ilhéus não mandou acudir aos agravos que o informante diz, senão um alcaide a prender de noite a um Pero Simões, homem casado, para que entregasse certos índios que diziam ter alheios, e o meteram numa embarcação, e os seus escravos tiraram algumas frechas e feriram a um homem, estando o Padre e o Irmão dormindo em sua casa. Veio um escravo do preso dizer-lhe que o levavam, e o Padre e o Irmão foram para saber o que passava; levaram consigo alguns moradores e viram ir a embarcação e perguntaram quem era e respondeu o que o fez prender que o levavam por não entregar os índios, e imaginando que eles fizeram tirar aquelas frechas, fizeram autos contra eles e os mandaram ao Governador Manuel Teles, e ele os mandou ao reino pelo informante. E sabendo os Padres requereram ao Bispo mandasse o vigário tirar inquirição do que passou para saber se tinha o Padre e o Irmão alguma culpa; e achou-se, por testemunhas contestes que se não acharam nem viram o que passou, por ser de noite e estarem longe. O cabedal que aqueles homens tinham metido é bem pouco como na terra é notório, como para roçar*

*um pouco de mato, e plantar algum mantimento que eles colheram os anos que ali lavraram sem pagarem nada.*

9ª Informação. – Mas porque lhes faltou quem lhes fizesse justiça na terra mandou-a Deus do céu em vingança desta pobre gente, porque desceu do sertão a esta parte do Camamu um pouco de gentio não tratado de gente cristã, e destruiu todas estas fazendas, as do Padres e moradores, que por sua parte povoaram este rio, que não ficou pedra sobre pedra, que tudo não queimaram, onde mataram e feriram muita gente, e está a terra hoje despovoada, a qual se não povoará por respeito desta praga que veio do céu tão cedo.

354

*Resposta. – Não podem os Padres acabar de saber donde ao informante lhe pode vir esta revelação, porque este gentio de que fala há muitos anos que dá opressão à capitania de Porto Seguro e dos Ilhéus de que a ele e a seus parentes e vizinhos coube e cabe ainda hoje boa parte; o mais certo juízo que se pode lançar é querer Deus por estes instrumentos castigar os muitos cativeiros injustos e outros agravos e vexações que os moradores do Brasil têm feito aos naturais moradores da terra, de que todos temos que chorar e temer.*

10ª Informação. – Semelhante agravo fizeram os Padres da Baía a João de Barros, que agora está morador em Lisboa, a quem pediram licença para que lhes deixasse fazer nas suas terras junto de seu engenho um curral para recolher nele umas poucas de vacas, até que se lhes despejasse outra terra, que tiravam a quem a possuía de renda, o qual lho deixou fazer cuidando pedirem-lhe esta licença sem malícia, os quais Padres, como tiveram feito o curral, uma noite de luar, trouxeram em carros uma casa feita de peças, a qual nesta noite armaram e telharam; e assentaram-lhe as portas de maneira que ao outro dia amanheceu feita. E como João de Barros lhes deu licença para o curral, não atentaram os seus pelo feitio da casa, entendendo que também lhe daria licença para se fazer, e passando o sobredito para a cidade, vendo a dita casa, pasmou de tamanho atrevimento; queixando-se disso ao Reitor lhe respondeu que aquela terra era do colégio e que por isso estavam de posse dela e que lha não haviam de despejar, e que se quisesse alguma coisa contra o colégio que mandasse requerer perante o seu juiz, que tinham em Roma. Pelo que esteve este homem em risco de se perder com eles, se não acudiam outras pessoas a o persuadir que tivesse paciência.

*Resposta. – A terra é do colégio e dela está de posse há mais de 40 anos, como consta da carta de sesmaria que dela tem, por onde o colégio não tinha necessidade de pedir licença para fazer o curral. O que diz da casa não passou pela imaginação, salvo a ele, nem houve tais brigas com João de Barros, nem se achara passar assim coisa nenhuma das que aqui diz.*

11ª Informação. – Aconteceu haverá sete anos, que desejando o colégio da Baía uma pouca de terra como ilha que está uma légua da cidade, para trazer nela vacas, granjearam a Garcia d'Avila, senhor desta terra, para que lhe fizesse doação dela, e que lhe dariam para seu enterramento e para sua mulher a capela mor com obrigação de lhe dizerem missa cotidiana por suas almas, o qual, fiando se deste concerto, fez força a sua mulher para que assinasse em uma doação pública, que lhe fez, da dita terra, estando o Reitor presente, e cuidando o doador que ele lhe podia fazer outra escritura de obrigação da capela e missas lhe disse que se havia de fazer no colégio, donde lhe mandou uma carta de irmandade e obrigação de lhe dizerem por uma só vez 200 missas, com o que Garcia d'Avila perdeu a paciência e indo-se queixar ao P. P. do engano, achou recado que estavam na sua terra tomando posse e que não lha consentia o seu feitor, que na terra tinha, por não ter ainda recado seu, sobre o qual houve grandes diferenças, mandando-se

355

o agravado queixar com seus instrumentos. Os Padres de S. Roque atalharam a esta sem razão, fazendo desistir a seu procurador de tal pretensão por se envergonharem de aparecer em juízo.

Resposta. – *Inda Garcia d'Avila, sua mulher e as escrituras são vivos, que dirão o contrário. Os Padres lhe pediram lhes vendesse esta terra; respondeu que a tinha para sua alma. Depois, de seu próprio moto, por vezes disse ao Reitor que lha dava, mas fê-lo esperar pelo Padre Visitador, a quem ele a ofereceu, pedindo mandasse dar os agradecimentos a sua mulher. E ambos assinaram a escritura com muito contentamento, e ela mesma entregou ao Reitor as escrituras da terra sem ela nem ele pedirem alguma coisa espiritual nem temporal. Mas o Padre Visitador, em agradecimento, deu a Garcia d'Avila uma carta de irmandade e de cem missas, quando morresse. Ela, depois, por conselho de pessoas pouco afeiçoadas à Companhia, se arrependeu e reclamou, mas como eram já bens da Igreja, não nos podia alargar o colégio; foi necessário que o nosso P. Geral desse nisso a ordem que deu. Isto é de que passa na verdade. Tudo o mais são crescenças do informante, como dizer que lhe ofereceram a capela mor para seu enterramento, que lhe prometeram missa cotidiana, que seu feitor não consentia no tomar da posse (não soube parte disso) que lhe davam depois 200 missas, que os Padres de S. Roque atalharem isto, e outras tais.*

356

12ª Informação. – Semelhantes a estas forças fizeram outras muitas na Baía e no Rio de Janeiro, e nos Ilhéus e noutras partes, os quais por este respeito acudindo no Rio de Janeiro o Governador Antônio Salema, pela jurisdição de El-Rei e bem dos moradores, chegaram os Padres a usar das suas excomunhões e a devassar do mesmo governador, perguntando testemunhas, o reitor Rodrigo de Freitas, contra ele, e em favor das suas diferenças, pelo que eles mandaram cruéis capítulos a S. A. contra o governador e o governador contra eles, e ficaram mui inimigos, e causaram bandos na terra, porque os homens que favoreciam os Padres ficaram odiosos com o governador e os que o favoreciam a ele ficaram em ódio com eles. E desta maneira esteve esta cidade do Rio de Janeiro muitas vezes, do que nasceram muitas ofensas de Deus e de serviços de El-Rei.

Resposta. – *O que aqui diz ele não o viu, são novas de embarcações que crescem e se vaziam a cada sangradura, e por isso não é muito enganar-se em tantas coisas, posto que tem muita culpa em dar tão facilmente crédito a semelhantes novas, e vendê-las por averiguadas a S. Mage., não o sendo, com que mostra para conosco ter o peito menos sincero do que pede a caridade cristã. De Antônio Salema, porque tem já dado conta a Deus do que fez contra os Padres e porque coisas, não ha que dizer; somente que o prelado o obrigou a lhe entregar os papéis, que ele com seu escrivão fez contra os Padres, e por eles se poderá ver o que passa.*

13ª Informação. – E porque o Governador Luiz de Brito quis desenganar os Padres que não procediam no seu modo de adquirir com a brandura que lhes estava bem, e quis que emendassem semelhantes modos de proceder, quebraram com ele, tendo-lhe feito grandes favores e queixaram-se a El-Rei dele e ele deles, no que se odiaram, de maneira que ele quando ia a ouvir missa ao colégio, ia pelas igrejas, e eles quando o viam na igreja não diziam missa, e faziam-no esperar tanto por ela que se enfadava e se tornava para casa sem ouvir missa, do que tomava testemunhas, e foram com esse ódio por diante, que chegou a tanto que os Padres se desenfadavam no púlpito contra o governador, que de tudo se queixava a El-Rei e com razão.

357

Resposta. – *O governador Luiz de Brito recebeu alguns serviços e agasalhados dos Padres do colégio da Baía, como é público, e com eles se confessava e viviam em muita*

*concordia. Pode ser que o informante saiba parte de quem a turvou, pois era tanto seu íntimo e privado; pelo menos enxergou essa diferença depois que o dito governador abriu o sertão do gentio com que ambos fizeram engenhos, cada um o seu, além das muitas barcadas de índios que o informante mandou vender pelas capitânicas, aos quais agravos e injustiças os Padres acudiram conforme à obrigação de seu ofício. Também houve outra causa de diferença, que o informante ao diante toca.*

14ª Informação. – E porque aos governadores não pareceu bem este modo de proceder dos Padres se agermanaram com os ouvidores, tendo com eles particulares amizades, a despeito dos governadores, pelo que vieram a ter grandes diferenças, e para, que os padres escrevessem a El-Rei em favor dos ouvidores eles lhe deram posse de algumas propriedades indevidamente, como a do Camamu, de que lhes nasceram grandes desavenças com Francisco Giraldes, capitão dos Ilhéus, por lhe tomarem a sua jurisdição, as quais duraram muitos anos.

Resposta. – *Nenhum serviço faz aos governadores passados em dizer em geral deles que lhes não pareceu bem o modo de proceder dos Padres da Companhia, porque Tomé de Sousa, Dom Duarte, Mem de Sá, e Lourenço da Veiga e D. Francisco de Sousa todos lhe foram e são muito afeiçoados e devotos. Com Luiz de Brito e Manuel Teles houve algumas quebras, que o informante nestes apontamentos toca e a elas se responde. Ter amizade com os ouvidores a ninguém se pode acoimar e muito menos a religiosos que a devem ter com todos sem agravo de ninguém. A posse das terras do Camamu, Mem de Sá a tomou quando eram suas e depois a trespassou aos Padres, de esmola, como fica dito. A justiça que nelas tem Francisco Giraldes ele a saberá e poderá requerer, pois há escrituras. Mas parece que o informante não se informou bem neste caso.*

15ª Informação. – Em tanto é assim que devassando o Governador Luiz de Brito, de Fernão da Silva, ouvidor geral, por ter cometido graves delitos contra a fazenda de El-Rei e bem de sua justiça, o prendeu por eles e o mandou ao reino, por quem saíram os Padres; e defendendo e encobrendo seus delitos, escreveram a El-Rei muitas cousas em favor do Ouvidor, contra o Governador, donde nasceram tantos ódios e escândalos, que sendo ambos mortos os filhos ficaram inimicíssimos e trazem cruéis demandas, o que não fora se os Padres deixaram fazer justiça. E porque neste caso se não fez na terra, mandou-a Deus do céu, afogando no mar a esse ouvidor e sua mulher com quatro filhas e dois filhos e três netos, escapando toda a outra gente de sua casa e a mais que ia nesta nau, que deu à costa uma noite com tormenta na boca da barra da Baía.

358

Resposta. – *A razão que Luiz de Brito teve contra Fernão da Silva viu-se bem na honrosa sentença com que tornou do reino, e na justiça que seus filhos têm contra os herdeiros dele, por onde não foi bem dito que os Padres defenderam e encobriram seus delitos. E quanto ao juízo de Deus que alega, não podem os homens dar razão dele, como nem tão pouco por que foi o Senhor servido que o informante, depois de andar fora de sua casa sete anos com muita perda de sua fazenda e descanso se fosse perder com sua nau no Ceregi e depois, para vir a Baía por terra, tivesse tantos trabalhos e fomes e o mais que é notório.*

16ª Informação. – E passado este tempo das contendas com Fernão da Silva, os Padres ordenaram outra contra o mesmo governador que por sentença do vigário mandou tirar da igreja a um Sebastião da Ponte, homem facinoroso, por lhe não valer pela graveza de seus delitos, a qual igreja era uma ermida que estava em uma fazenda que um Lázaro de Arévoló havia poucos dias deixara por seu falecimento aos Padres, de quem se quis valer o preso, pedindo-lhe seu favor, com lhes prometer muita parte de sua fazenda;

estando o preso na cadeia pública o conservador dos Padres mandou notificar as justiças seculares que o tornassem à ermida donde fora tirado, e de improviso procedeu com excomuniões contra os officiais da justiça.

Resposta. – *A Igreja de que fala era da Companhia desde a sua primeira fundação e não por falecimento de Lázaro de Arévalo como ele diz, nem os Padres ordenaram essa diferença, mas Luiz de Brito a começou, estando eles bem fora destes cuidados, tirando esse homem de sua igreja, sem lho fazer saber primeiro conforme o direito, nem lhes deu por isso nem por outro respeito parte de sua fazenda, nem lha prometeu, nem tal se achará, mas eles de seu próprio moto tornaram pela imunidade da sua igreja, que é isenta como o eles são.*

359

17ª Informação. – E para pior pediram socorro ao Bispo em favor do seu conservador, e sendo ele muito amigo do governador os meteram em ódio e houve interdito geral, e queimaram candeias às avessas ao pé do pelourinho e puseram um crucifixo com a cabeça para baixo e os pés para cima, o que fez tamanho terror na terra que os homens fugiam do governador e das justiças. E os Padres assim lho aconselharam, os quais estavam de contínuo em casa do bispo para lhe impedissem que não levantasse as excomuniões, que duraram perto de nove dias; andavam os eclesiásticos de dia e de noite com espingardas, bestas, alabardas, e outras armas em redor da cadeia, por que se não embarcasse o preso e tinham o governador encerrado em sua casa por se temer de o matarem, e se não fora tão prudente, houvera de haver muitas mortes e outras desventuras, porque os eclesiásticos diziam das janelas aos homens pelejassem pela igreja, e outros diziam pelas ruas e portas com tambores que acudissem ao Governador de El-Rei, que o tinham cercado e estavam o bispo e os Padres alevantados com a cidade.

Resposta. – *O bispo ao princípio foi contra os Padres e seu conservador, enquanto não teve do caso outra informação mais da que lhe tinha dado o governador; mas depois que soube a certeza do que passava favoreceu a parte que viu tinha a razão e justiça. Ao mais não se pode responder outra coisa senão que quis mais cumprir com seu gosto e intento que com o que devia à verdade e à pessoa a quem pretende informar; o que diz do crucifixo e candeias queimadas às avessas não tem pés nem cabeça, pois não havia para quê, nem os clérigos tomaram armas, senão depois que o governador com tambores e pregões mandou viessem todos a sua casa com suas armas, como vieram, porque não embarcassem o preso antes de tornarem à igreja, como se lhe requeria, o que tudo cessou e ficou quieto como ele o fez.*

360

18ª Informação. – E para mais desventura foram os Padres tão mal atentados que mandaram vir das aldeias dos índios, todos os que havia de peleja, que tinham no seu colégio e de redor dele, para acudirem por sua parte contra o governador, se houvesse briga. E os mestres das escolas do colégio mandaram a seus discípulos que pelejassem às pedradas em favor da igreja, que era contra seus pais, irmãos e parentes. Mas quis Nosso Senhor que o governador, vendo o que estava aparelhado, por atalhar a isso, não quis embarcar o preso e mandou-o tornar à igreja, donde o tiraram, para que se alevantassem as excomuniões e interdito.

Resposta. – *Se o fizera logo não duraram as diferenças nove dias como ele diz. Mas o dos índios e meninos da escola não passou assim, e não se pode crer senão que o sonhou e o inseriu nessa sua história, porque vinha bem a seu propósito em se persuadir que estes apontamentos, que ele dava em Madrid, era impossível virem ao Brasil à notícia dos Padres, mas é Deus bom e amigo de suas religiões, e as defende.*

19ª Informação. – Mas ficou a terra toda em ódio e houve queixar-se o governador e regimentos da terra a El-Rei contra o bispo e Padres, que foram gravemente repreendidos por cartas de S. A., que estranhou muito procederem contra seu governador com excomunhões e esteve movido tirar aos padres tudo quanto lhes mandava dar de sua fazenda e mandou S. A. que fosse levado ao reino em ferros o dito Sebastião da Ponte, o qual por seus delitos esteve no Limoeiro de Lisboa tanto tempo preso, sem lhe falarem o feito, até que faleceu. Pelo que se verá porque inocente os Padres puseram aquela terra em tanto perigo de se perderem todos os moradores dela uns em seu favor outros contra eles.

Resposta. – *Teve para si El-Rei que o governador e câmara lhe escreviam o que passava na verdade, porque os papéis do bispo foram ter a Rochela e o mesmo pareceu aos Padres da Companhia de Portugal que houvera excesso nos da Baía. Mas sendo o Senhor servido trazê-los depois a Portugal, soube-se por eles o contrário, e os nossos Padres tornaram a escrever cartas de louvor e satisfação, pelo feito, que ainda estão vivas. E quanto a El-Rei nos querer tirar a renda, não podemos imaginar por que via podia ele saber a determinação de S. A., mas vá essa com as mais. Nem os Padres olharam se Sebastião da Ponte era inocente ou culpado senão ao desacato, que se tinha feito à igreja, contra ordem do direito, como fica dito.*

361

20ª Informação. – Os quais se não contentaram do escândalo que deram com estas voltas e por favorecerem o ouvidor geral Fernão da Silva contra o governador Luiz de Brito, mas depois, por falecimento do governador Lourenço da Veiga, pretendeu suceder-lhe no governo o ouvidor geral Cosme Rangel, não lhe pertencendo e por ele ser um homem desatinado o não quis eleger a câmara por governador, por lhe parecer assi serviço de El-Rei, em o qual assento assinou o bispo, e provedor mor da fazenda, e que se não elegeisse outro governador de nenhum dos outros pretendores. Pelo que o dito ouvidor pôs a terra e o mar contra o bispo e câmara. Os quais, por atalhar os danos que daqui podiam nascer despejaram a cidade até S. Mage. prover de governador e mandou ir preso ao dito Cosme Rangel, a quem os Padres favoreceram por naquele tempo os meter de posse de uma rua pública da cidade, que lhe até então não consentiu que a metessem na sua cerca, como agora tem.

Resposta. – *Não diz em que favoreceram a Cosme Rangel, nem como, nem quanto. A rua de que fala, além de ser prejudicial para a religião e de pouca serventia para a cidade, como o mostra a pouca falta que faz, deu-a a cidade por provisão de S. A. e por outros chãos de maior importância que o colégio lhe largou, sem os quais careceram do terreiro que chamam do Mosteiro, que é a melhor coisa pública que ele tem nesse gênero.*

21ª Informação. – E chegando o governador Manuel Teles Barreto, não louvou aos Padres procederem com tamanho rigor contra os ministros de El-Rei, que os sustentava, pelo que se passaram à banda do ouvidor geral Martim Leitão, que favorecido deles, desobedeceu ao governador e foi para Pernambuco, onde e na Baía cometeu tais insultos contra o serviço de El-Rei, que o mandou vir preso e tomar-lhe sua fazenda, e por suas culpas está hoje preso em Lisboa, e sendo ele este o favoreceram muito contra o governador e contra a terra, porque lhes foi dar posse indevida das terras do Camamu, donde nasceram mil desconcertos outros com muitas pessoas.

362

Resposta. – *Não mostra nem mostrará em que favoreceram contra o governador; não deu posse das terras do Camamu somente as foi demarcar por provisão de S. A. que lho mandava, e sendo requerido por ele; nem já parece bem pôr à conta da Companhia os desconcertos alheios.*

22ª Informação. – E amasiaram-se tão mal com Manuel Teles, governador, que ordinariamente sobre seus pagamentos lhe faziam requerimentos por escrito, pelo que eles se queixavam dele a El-Rei, e ele deles, contra os quais chegou a devassar particularmente a requerimento de pessoas, em caso sujo, que se dizia cometia o reitor com uma mulher casada, e foi forçado meterem muitos rogadores para que não mandasse estes autos a S. Mage. como não mandou. O qual governador, por certa culpa, mandou prender um Bartolomeu Pires, homem casado e mestre da capela da Sé, do que se o bispo não queixou por ser homem secular, do que se queixaram os Padres por ser seu amigo; e todas as vezes que o governador ia à missa ao colégio não diziam missa, dizendo que estava excomungado por mandar prender este homem, dizendo ser ministro da igreja, do que se escandalizou a terra muito e o governador mais e fez novos queixumes a S. Mage. que por essas coisas lhe há de vir a tirar o que lhes dá de sua fazenda.

Resposta. – *Porque Manuel Teles está já com Deus, como é de crer, não há para que falar na pouca afeição que sempre teve aos da Companhia, assim em Portugal como no Brasil. Do informante é para espantar querer-se assim cegar em coisas tão claras onde a bondade das pessoas, em quem toca, é tão notória na terra; bem pudera ele escusar sujar-se em caso tão sujo, mas não quis lhe ficasse isso no tinteiro. E é para notar que precedendo a isto o caso da prisão de Bartolomeu Pires, donde aquilo se ocasionou, conta primeiro o que foi derradeiro, porque se não entenda a dependência que aquilo teve disto. Dizer que foi forçado aos padres meterem muitos rogadores para que o Governador não mandasse estes autos a Sua Mage, não diz o que passa, porque eles foram mandados. Dizer que o bispo se não queixou desta prisão, não é muito, pois estava a esse tempo na capitania de Pernambuco. O que os padres nisso fizeram foi que tendo para si ser o preso pessoa eclesiástica por ter sabidamente as condições que pede o Concílio tridentino, e sua prisão ser notória, vindo o governador depois dela, a ouvir missa, não acostumando dantes vir, o reitor deste colégio mandou esperassem um pouco com a missa para tratar primeiro com seus consultores a que naquele caso se devia fazer em consciência; no qual tempo, que foi breve, não querendo esperar, se foi sem saber a causa da detença da missa, e daí ficou estomagado com o reitor, e tirou a devassa dita contra ele, e contra a mulher desse homem, de que já terá dado conta a Deus. Isto passou assim pontualmente e não como o informante diz.*

363

23ª Informação. – A qual, não sei com que consciência lhe podem levar, porque lhe fez a tal esmola por lhe fazerem entender que não tinham com que se sustentar, e sendo assim como era, foi mui bem dada. Mas hoje os padres e colégios da Baía não sei se é lícito levarem a El-Rei 4.500 cruzados cada ano, pois têm propriedades que lhes rendem muito mais, cinco, dez ou doze currais de vacas, donde todas as vezes que querem fazer 500 ou mil cruzados, em dinheiro, o fazem no açougue, e fazem outro tanto em novilhos que vendem aos carreiros. Têm muito de renda das suas terras; têm uma granja com muitos escravos de Guiné donde lhe vêm todos os mantimentos em abundância; têm, das portas para dentro, hortaliça e fruta necessária; têm nos seus currais muita criação de porcos, carneiros e galinhas; e nas outras granjas têm pescadores de jangada que lhes dão o pescado necessário fresco; trazem um barco com sua rede a pescar, trazem uma barca que lhes acarreta lenha necessária para casa e por seu forno de cal; têm 60 bois de carro com seus carros que servem a casa, 30 bois um dia e 30 outro; têm muita caça de alimária e aves que lhe caça o gentio das aldeias que governam; de maneira que não têm necessidade de coisas do reino, mais que do vestido, vinho, azeite, cera para os altares, farinha para as hóstias, e perfumes, de que são providos do reino a troco de courama e açúcar que mandam para isso.

Resposta. – *Já fica dito como El-Rei D. Sebastião, pela obrigação que tem a coroa de Portugal à conversão dos naturais desta terra, por razão dos dízimos, fundou os três colégios, em que houvesse ministros que se ocupassem nela; e esta foi a causa de lhes El-Rei dar a renda que têm e não a que o informante diz. E posto que com pompa de palavras faz grande alarido do muito que os padres têm, ao que em parte está respondido (n. 5º), todavia os que bem entendem e sabem bem o que custam estas coisas na terra, dizem abertamente que os Padres se não podem sustentar com o que têm, e assim passa na verdade, que o colégio anda sempre endividado e pede emprestado a uns para pagar a outros, e hoje este dia está devendo mais de 4.000 cruzados aqui e no reino. Não cortam carne no açougue, antes muitas vezes compram gado, porque se não acabe, que a falta dos pastos faz haver pouca multiplicação, vendem alguns novilhos da granja; dos mantimentos e renda das terras já está respondido. Os porcos são tão poucos que não são poderosos para matar cada semana um para velhos e maldispostos; os carneiros alguma hora têm algum por Páscoa; as galinhas muitas vezes as compram para seus doentes; o peixe fresco o mais dele compram na vila velha e no engenho de Cardoso; provaram na rede, largaram-na por ser de muito custo e pouco proveito. Não há que notar em ter o colégio a fábrica que há mister para seu meneio, pois é impossível comprar-se tudo por dinheiro; os bois de carro não passam de 24 até 26; o que diz da caça das alimárias, e aves é muito para rir; as aldeias distam sete, doze e quinze léguas da cidade; a caça é muito pouca na terra, os pobres índios não são fartos dela e escassamente podem sustentar do que têm os padres, que os ensinam, que residem com eles. Veja-se agora como terá o colégio esta muita caça, mas é juízo de Deus que ele mesmo com coisas tão claras se desacredite. Os Padres não mandam courama ao reino nem têm engenhos de açúcar, nem canaviais; algumas vezes lhes dão algum açúcar em pagamento, e este posto que raramente pelos muitos ladrões, mandam ao reino para alguma peça para sua igreja.*

24ª Informação. – E gastam o mais em ornamentos dos altares, peça de prata, e obras que fazem com tanto custo da mão dos oficiais que a puderam escusar, em as quais não gastam mais que na soldada de um mestre carpinteiro e, outro pedreiro, que os obreiros têm de casa, e serradores e a madeira mandaram fazer ao mato com os índios das aldeias, com um irmão, o qual lhe vem na sua barca, que lhe também acarreta ostra, de que fazem cal; e têm feito um tão honrado colégio que lhe não faz vantagem nenhum dos de Portugal; em o qual são contínuos 80 religiosos; e com os escravos e serventes e oficiais mantém das portas a dentro 200 pessoas, cujo mantimento lhes não custa dinheiro.

Resposta. – *Não é mal gastada a renda em ornamentos da igreja, nem em fazer o colégio que diz, nem parece bem dar isto em culpa. Obra de prata têm poucas, e destas as mais vieram feitas de Portugal, e outras que aqui se deram de esmola para uma capela, onde tem as relíquias. No colégio não são contínuos 80 religiosos, são 60, às vezes mais às vezes menos. Mas sendo tantos os religiosos como ele diz, e as mais pessoas que põe, bem pouco é tudo o que diz que têm; e dizer que a manutenção de tanta gente não custa dinheiro fora bom se fora assim, mas perdoe-lhe Deus que assim se quer enganar a si e a quem não devia.*

25ª Informação. – Pediram os Padres a S. A. 2.000 cruzados para o colégio do Rio de Janeiro, fazendo-lhe entender ser muito necessário onde eles já tinham seu mosteiro feito e muitas terras de sesmaria, que lhes os capitães deram, o qual colégio já bem escusado, pois não serve de mais que de fazer esta despesa a El-Rei que tem bem necessidade dela para fortificação da terra, porque no Rio de Janeiro haverá até 200 vizinhos os mais deles são mamelucos, e casados com negras, cujos filhos de maravilha sabem ler; pois quem há de aprender neste colégio para se levar para esse respeito dois

mil cruzados a El-Rei cada ano, que não seja mais serviço de Deus e de El-Rei gastarem-se na fortificação da terra pois não tem nenhuma defesa?

Resposta. – *Em muitas coisas peca o informante neste apontamento. Em fazer tão pouco da cidade do Rio de Janeiro, a qual tem muitos moradores portugueses e é a mais bem fortalecida de toda a costa, com é notório; em dizer que o colégio tem de S. A. dois mil cruzados, tendo 2.500. Em cuidar que o respeito de se fundar aquele colégio foi ensinar os filhos dos portugueses, não sendo esse senão sustentar nele cinquenta da Companhia, que descarreguem a El-Rei da obrigação que tem de atender à conversão, como é nos mais colégios, como consta de seus padrões, e por onde se aqui há tantos mamelucos, e negras como ele diz, e outro muito gentio assim forro como cativo, não se emprega mal a renda em sustentar quem ajude a salvação dos tais. Quanto mais, que fazem outros serviços a Deus e à terra com pregações e confissões, com lhes ensinar seus filhos a ler e escrever, e latim, aonde também acodem do Espírito Santo, S. Vicente e mais povoações da banda do sul, e em lhe sustentar duas povoações de índios, que são muito boa parte da fortificação da terra, como se tem visto nos recontros que com franceses até agora tiveram e naus que com sua ajuda lhes tomaram. E se tão zeloso é da fazenda de S. Mage. houvera-lha de poupar, e não lha gastar como tem gastado e ao diante gastará nas minas que lá deixou tão assoalhadas e que cá são tão pouco ouvidas.*

366

26ª Informação. – Também fizeram entender ao mesmo rei D. Sebastião que era mui necessário fundar-se em Pernambuco outro colégio, tendo eles já nesta capitania mosteiro bastante para 30 religiosos, que se mantinham de esmolas da terra honradamente e pediram para isso mil cruzados somente e depois requereram que não corria na terra dinheiro que lhe pagassem em açúcar e fizeram crer que valia o açúcar a 400 réis um ano por outro, valendo ele ordinariamente de 12 anos a esta parte, por mais de 800 réis, de maneira que eles levam a El-Rei o açúcar a preço de 400 reis a arroba, e El-Rei paga ao rendeiro dos dízimos a 800 réis por cada arroba, no que se deverá ter muito escrúpulo e em fazerem entender a El-Rei ser muito necessário nesta vila colégio para ensinar letras aos de fora.

Resposta. – *El-Rei fundou este colégio como os outros e pelo mesmo respeito. Os Padres não pediram nada. Ele o dotou para 20, dando para cada um 20.000 reis, como tinha feito nos outros. O que diz do açúcar, passou desta maneira. El-Rei mandou fazer essa avaliação uns anos por outro, e fez-se por autoridade de justiça, intervindo nisso o provedor mor e procurador de S. A. e moradores e pessoas a juramentadas, como consta do padrão. E se, com tudo isso, El-Rei lhe quis fazer alguma vantagem ou esmola não devia tomar pena por isso o informante, não lhe digam o do evangelho da vinha.*

27ª Informação. – Em a qual basta que ensine um pouco de latim e ler e escrever, como se fazia sem esta renda e como na verdade se não ensina outra coisa, nem há na terra quem aprenda mais; e bastava o colégio da Baía para todo o Estado do Brasil, em o qual até hoje não acabaram o curso das artes mais que seis ou sete pessoas e alguns destes se receberam na Companhia; e teologia não ouviram mais que quatro pessoas de fora e uma só acabou, e se fez bom pregador. No que se fez mais fruto é em se ler latim e casos de consciência. E se em Portugal antes não havia mais que a universidade de Coimbra, por que não bastará ao Brasil a da Baía para todo o Estado?

367

Resposta. – *Não acaba de entender o informante que a intenção que teve S. A. em fundar colégios no Brasil não foi abrir estudos para os filhos dos portugueses, senão criar ministros para a conversão, que é tanto sua obrigação, como consta dos padrões, que não põem aos Padres obrigação de ter escolas nenhuma. E se alguma capitania há*

*que tenha necessidade destes ministros é Pernambuco, onde há sessenta engenhos cheios de escravaria, e outra muita gente de que se servem os portugueses, muito gentio que trazem do sertão e muitos pretos de Angola, os quais não têm outro remédio para suas almas senão aos Padres da Companhia, como é notório. Além de os Padres cumprir com esta sua obrigação, vendo a muita necessidade que havia de doutrina e quanto serviço se fazia a Deus e aos moradores, puseram escolas sem ter a isso obrigação, onde, desde as primeiras letras, criam homens que muito sirvam a Deus e ao próximo. E destes há já muitos cônegos e dignidades na Sé da Baía e muitos curas e vigários por toda a costa, e alguns pregadores e cada dia se vão fazendo mais. E isto principalmente na Baía. Nos outros colégios aprendem até poderem ir a esses estudos gerais, a ouvir artes e teologia; e assim se faz em Pernambuco, onde, além disso se ensinam casos de consciência, para bem de muitos clérigos que há.*

28ª Informação. – Na capitania de S. Vicente têm os Padres duas casas, na do Espírito Santo têm uma, na de Porto Seguro têm outra, na dos Ilhéus têm outra, na de Tamaracá têm outra, e na Paraíba outra; as quais casas estão mui abastadas e providas do necessário com a granjearia dos índios forros que doutrinam e com ajudas e esmolas, que lhes dão os moradores da terra, do que se mantinham também as casas da Baía, Pernambuco e do Rio de Janeiro, em as quais se ensina a ler e escrever e a latim os filhos dos moradores destes lugares, que querem aprender, em as quais procedem os Padres por diferente modo que os do colégio. .

368

*Resposta. – Em Tamaracá não têm os Padres casa, na Paraíba não têm escola e em nenhuma das outras se ensina latim; proveem estas casas os colégios, a que estão anexas, das coisas do reino, para os que nelas residem e para suas igrejas o que os moradores por serem pobres não podem remediar; dão-lhes do que têm para comer; granjearias não as têm. O modo de proceder é conforme ao dos colégios, porque têm umas mesmas regras e instituto e procura a Companhia ter uniformidade em todas quanto é possível.*

29ª Informação. – O que lhes nasce de serem pobres e terem necessidade do favor dos moradores, que os ajudam a fazer suas obras e os mantêm e sustentam com suas esmolas, onde além disto os Padres vivem mui recolhidos, e são de mui grande exemplo com sua vida e costumes, pelo que estão benquistos na terra, que se está temendo que, como tiveram outros remédios como os colégios sejam mais escandalosos. Pelo que em cada Capitania destas pedem frades franciscanos e de São Bento, os quais começaram já a fundar mosteiros, a quem esta gente tem muita devoção, porque na Baía há já um mosteiro de S. Bento e outro dos capuchos, que na terra foram bem recebidos e ajudados, para terem com quem se consolar em seus trabalhos.

*Resposta. – Nem quando diz bem dos Padres diz o que passa. Onde quer que há índios têm os Padres muitos contra si, como em Porto Seguro, no Espírito Santo, na Paraíba e São Vicente, onde lhes não faltam perseguições, e moléstias, porque resistem quanto podem aos agravos notáveis, que, por cobiça, fazem aos índios, cativando-os, ferrando-os e vendendo-os contra a vontade de Deus e de S. Mage; mas porque é por tão justa causa sofrem tudo, e não desistem, por não haver outrem que torne por eles.*

30ª Informação. – E tão escandalizado estava o Bispo e governador dos Padres, que como chegaram à Baía os religiosos de S. Bento favoreceram-nos muito e confessaram-se com eles, e todos os moradores principais da terra, onde se enterram, e o bispo cometeu suas vezes dos casos a ele reservados, ao abade, o que dantes cometia ao Reitor do colégio, os quais Padres sofreram tão mal que se desavieram logo com estes religiosos,

360

que nunca puderam fazer deles amigos, no que deram muito escândalo à terra, que a despeito da Companhia, trabalha muito pelos favorecer, como fizeram em lhes ordenar logo um mosteiro, onde estão 200 religiosos de grande satisfação para a terra, que lhes já ordenou mui honesta comedia.

Resposta. – *Se o Bispo e governador Manoel Teles deixaram de se confessar com os da Companhia depois que vieram religiosos de S. Bento foi por ambos serem do hábito de Aviz. Mas Manuel Teles não quis morrer sem Padres da Companhia à cabeceira e o bispo tornou a continuar suas confissões com eles. O que diz dos principais moradores que todos se confessam com eles, trabalho era que nos tiravam, se fora assim. O dos casos reservados é graça, pois o bispo não alterou nada nisso, e os Sumos Pontífices nos têm provido suficientemente para com toda a comidade exercitar nossos ministérios. Nunca nos desaviewmos com estes Padres que diz, antes nos visitamos ordinariamente e vêm às nossas festas, e imos às suas, e comem no nosso refeitório, e comemos no seu. Não cremos que haja quem a despeito da Companhia os favoreça, se ele não testemunha de si, que é tão pouco nosso afeiçoado e devoto. O que diz dos 200 religiosos deve ser erro duma cifra mais. Porém nem a dez chegarão com noviços e leigos.*

31ª Informação. – Usam os Padres doutro escândalo, que muito descontenta, que é como têm alguma queixa do governador, bispo, câmara e dos moradores, logo o remoçam no púlpito, do que os ouvintes lançam mão, uns o tomam por si e queixam-se, outros lançam juízos suspeitos, no que se pratica aquele dia, por não tirarem do sermão outra doutrina, e outras vezes deixam a Sé sem pregação, nas festas principais, por terem algum arrufo do bispo, ou cabido, pelo que o bispo lhes não pede já pregadores, e prega ele alternatim com o Abade de S. Bento e com o seu Vigário Geral, ao que os Padres não houveram de dar ocasião.

Resposta. – *Alguma vez sucedem coisas que é necessário S. João encontrar-se com Herodes, Elias com Achab, S. Ambrósio com Theodósio e S. Crisóstomo com Eudoxia. Mas os pregadores da Companhia têm especial regra que não toquem nas cabeças, e assim têm nisso gradíssimo resguardo; mas a ferida do dedo faz parecer que vai dar nele tudo o que dá em toda a mão; além disso em toda parte, o que sobe no púlpito tem de foro semelhantes suspeitas e avisos. À Sé imos quando nos chamam, e somos chamados muitas vezes, assim para suas festas como das confrarias, porque as nossas pregações lhes custam menos.*

370

32ª Informação. – Os quais mandam pregar uns idiotas que escassamente sabem latim, que falam mil desconcertos, tendo bons pregadores e letrados nas casas, o que fazem por não terem em conta a gente da terra, que se escandaliza muito disto, e do que estes se deixam dizer sem ordem nem concerto, pelo que se lhe sai muita gente da igreja se tem ouvido missa por não ouvirem seus desbarates, os quais se não fundam senão em louvores dos índios e queixarem-se dos agravos que se lhes fazem e de como são bons cristãos, não havendo entre eles fora da Companhia dos Padres quem viva como cristão nem se prese de o ser, antes como estão os Padres presentes, tornam logo a suas gentilidades.

Resposta. – *Os que pregam são aprovados por idôneos, mas em todos os ofícios há uns oficiais melhor que outros, e para o crédito deste faz muito e é o tudo a pia afeição dos ouvintes, de que o informante está algum tanto carecido para os nossos. As pregações são muitas e não as podem fazer todas os mais letrados, principalmente onde há escolas. Estranhar os agravos e injustiças que se fazem aos naturais da terra não são desbarates, e não nos espanta parecerem tais ao informante, pelo que disso lhe cabe. Os índios não*

*são tão maus como ele os faz, e em todo gênero de gente haverá muita miséria, se faltar quem ensine e ajude as almas.*

33ª Informação. – Os primeiros Padres da Companhia que foram ao Brasil acharam os índios facilíssimos para receberem a fé de Cristo nosso redentor, pelo que os batizaram aos milhares cada dia, do que escreveram a Portugal e por toda a cristandade o grande serviço que faziam a Deus, como de feito da sua parte faziam, mas assim com facilidade se faziam cristãos, com ela mesma se tornavam a suas gentilidades, e se foram todos para o sertão, fugindo a sua doutrina; e governando eles mais de cinquenta aldeias destes índios cristãos, não têm hoje mais de 3 aldeias, e estas são quase cheias de gente nova, que cada ano vão adquirindo e granjeando, com os quais índios têm trabalhado tanto e por tantas vias que se foram turcos ou mouros tiveram feito com eles grande fruto, o que não fizeram com este gentio, porque não é capaz para conhecer que coisa é Deus nem crer nele, e têm que não há mais que morrer e viver, pelo que é mal empregado o tempo que se com eles gasta.

371

*Resposta. – A facilidade, que então tinham, têm agora. E se alguma coisa impediu o próspero verso que ele pinta, ainda que não foi tanto, os muitos agravos que receberam dos portugueses em os cativarem, e venderem, em lhes tomar suas terras, mulheres e filhas, o causou: nunca tiveram os Padres mais que onze aldeias e se agora têm três no mais como disse acima (n.º 5º) que tinham cinco? Não fugiram todos para o sertão, senão alguns, e esses não fugiam da doutrina dos Padres senão dos maus tratamentos que tenho dito; e de 40.000 almas ou mais que eram, todos quase são consumidos que não haverá em quatro aldeias que agora temos passante de quatrocentos dos antigos, os mais que chegam por todos a 2.500, os Padres com grandíssimos trabalhos os foram por vezes a trazer mais de 200 léguas desta Baía. E posto que por eles serem poucos, se não faz com eles tanto como se fazia, é de tanta estima uma alma que os Padres não têm por mal empregado o tempo que, em ajudar esses poucos, gastam.*

34ª Informação. – Porque ensinam os moços nados e criados nestas aldeias a doutrina cristã, que aprendem muito bem e a ler e escrever, a latim, a contar, a canto de órgão, a tanger flautas, e dançar e officiar uma missa; e como chegam à idade de conversarem mulheres logo fogem para os matos, e usam de suas gentilidades como fizeram seus pais e avós, do que os Padres os tiram com muito trabalho; e não sustentam já estas aldeias senão por se não desdizerem de muito que escreveram de louvores desta gente por toda a cristandade.

*Resposta. – Não os ensinam latim nem contar. Em chegando a ter idade os Padres têm cuidado de lhes dar vida assim a homens como às mulheres; e não sucede o que o informante dá por ordinário. Se alguns, alguma hora, se desmandaram, não é bem atribuí-lo a todos, nem dizer que o fazem por essa causa. Também entre os cristãos antigos há muitos maus, que se lançam com mouros e turcos, e seu pecado é muito maior que o destes. E quanto estes são mais necessitados tanto é melhor empregado o tempo que em os ajudar a salvar se gasta. E não parece ora muito seguro dizer que este gentio não é capaz de conhecer a Deus nem crer nele, porque se isso é assim, ou eles não são homens, que é bestialidade dizê-lo, ou Cristo nosso redentor não morreu por eles, que é grande impiedade. Dizer que os Padres os não largam por se não desdizerem é imaginação do informante: não é muito se ocupem os Padres com tão poucos porque por outros tantos e menos pecadores que houvera, Cristo Nosso Senhor fizera o que fez. E consolam-se com cuidar que se salvam cada ano muitos inocentes, e dos adultos não poucos.*

372

35ª Informação. – Em cada aldeia destas está um Padre de missa e um Irmão, e quando ambos não sabem a língua do gentio da terra sabe-a um deles, onde residem com grande perigo de sua honra, porque de maravilha podem estar ambos juntos, porque um entende sempre no governo da casa, e outro em dizer missa e ensinar a doutrina na igreja ou andar pregando ao modo dos índios por suas casas, avisando-os do que hão de fazer ao outro dia, e labutam e andam entre mulheres nuas assim como nasceram e não se pode vigiar um a outro, de maneira que não tenham tempo para obedecer à tentação, do que são muito murmurados dos Portugueses pragueiros pelas informações dos índios que se deixam crer, porque por vezes se lançaram fora destes Padres e Irmãos, que como foram fora da companhia viveram tão mal e com tanto despejo, que não há quem duvide que estes tais vivessem com tamanha ocasião para pecar, senão cometendo mil desonestidades, e para ficarem mais à larga para cuidarem que não podem ser sentidos, não consentem que nenhum homem branco, nem mestiço casado nem solteiro vivam nas aldeias destes índios, tomando-o alguns por remédio, esperando que os índios com licença dos Padres os ajudassem a fazer uma roça em que lavrassem mantimentos da terra com que se pudessem sustentar.

Resposta. – *Não haverá peito cristão que não aborreça e se escandalize de tão baixas palavras, e torpes juízos. E posto que não mereciam resposta, pois por elas se entende quão azedo está o peito donde sai, todavia pode-se-lhe dizer: “Tu quis es qui indicas alienum servum? Domino suo stat aut cadit; potens est autem Deus illum statuere.” (Rom. XIV,4). Os que se ocupam na conversão do gentio têm superiores que olham por eles e são frequentemente visitados, têm muitas ajudas espirituais de regras, lição espiritual, oração e muita frequência de sacramentos, e sobretudo a proteção divina que tem muito cuidado de suas religiões e por honra e crédito delas têm mão em muitos fracos que nela estão. E é muito mal cuidado e pior falado dizer que os que são despedidos, viviam estando nelas, como vivem depois de saídos, como ele diz, pois com isso condena todas as mais religiões assim no Brasil como em Europa. Os nossos andam sempre acompanhados quanto é possível e têm particular regra disso, e podem-nos fazer porque não lhes pregam pelas casas senão na igreja aonde as índias vão cobertas, e quando vão visitar os doentes vão juntos e não nos impede o governo da casa, que tem pouco que trasfegar, e um negrinho que nela fica basta para tudo. A causa que dá porque não consentem ninguém nas aldeias posto que é falsa, porque não se tolhe mais que a gente solteira, por ordem dos governadores, por evitar inconvenientes, não é digna de peito cristão.*

373

36ª Informação. – E por evitarem estes danos, informados os reis passados deles, mandaram a todos os governadores que em cada aldeia destas pusessem um capitão para olhar por estes índios e os fazerem trabalhar em suas roças, por eles serem muito amigos de folgar, e que também os mandassem trabalhar nas fazendas dos Portugueses, pagando-lhe de seu trabalho um tanto cada mês, de maneira que os índios ficassem satisfeitos, e a soldada não fosse muito custosa para quem lha havia de pagar, e que os Padres não entendessem com os índios mais que para os ensinar a doutrina cristã e os obrigarem viver e proceder como cristãos, o que se pôs por obra em tempo do governador Mem de Sá, e mandou para cada aldeia um homem honrado e casado na terra por capitão e deu-lhe seu regimento do que havia de fazer. Mas amasiaram-se tão mal os Padres com estes capitães e tinham cada dia tanta porfia e diferenças sobre o mandar destes índios, e eles andarem com tantas embrulhadas dos Padres para os capitães e deles para os Padres que os capitães se vieram para a cidade e não quiseram entender mais com os índios, e não achou o governador semelhantes pessoas que quisessem aceitar este cargo, e os que pediam as tais

capitanias não eram pessoas de muita confiança para se lhes haverem de dar, pelo que se tornaram a ficar os padres.

Resposta. – *Por se os Padres livrarem das moléstias dos moradores que continuamente pedem índios, requereram ao governador Mem de Sá que pusesse homens nestas aldeias para defenderem os índios dos agravos que lhes faziam e para os ajudar no temporal. Procederam de maneira que os índios se escandalizaram por os ocuparem muito em seus serviços e de seus amigos e lhes tocarem nas filhas e mulheres; e os outros moradores se queixaram por lhos não darem até que eles com ver juntamente o pouco proveito que tiravam, se enfadaram e largaram este cargo. E querendo o governador Manuel Teles torná-los a meter não lho consentiram o bispo nem o governo da cidade, pela experiência que já tinham de quão pouco proveitosos eram.*

374

37ª Informação. – Depois disto, por se queixarem os oficiais da câmara a El-Rei D. Sebastião e os governadores que aqueles índios não ajudavam os moradores em suas fazendas, como estava assentado, nem quando os queriam ocupar nas guerras obedeciam a seus chamados, por lhes os Padres impedirem, mandou ao governador Luiz de Brito e a Lourenço da Veiga e depois a Manuel Teles, que não consentissem que os Padres tivessem jurisdição nestas aldeias nem nos índios delas, em mais que em o que tocava ao ensino da fé católica, e querendo cada um destes governadores pôr isto por obra e capitães nestas aldeias, houve por parte dos Padres mil inconvenientes em segredo e em público diziam que não queriam entender-se com as aldeias e que pusessem nelas capitães que eles as despejariam e ficaram-se nelas como ainda estão.

Resposta. – *Por amor destes queixumes, por ordem de S. A. foi Lourenço da Veiga em pessoa às aldeias com o ouvidor geral para ver por seu olho o modo de proceder nelas, e por não achar cousa que se devesse remediar, e os queixumes serem sem fundamento, deixou tudo como estava sem ordenar coisa em contrário. A jurisdição que têm os Padres com os índios não chega a mais, além de os ensinarem, que a alguma penitência na igreja por alguma falta pública para que os prelados têm dado comissão. Para o mais têm seus alcaides e meirinhos, postos pelos governadores, que os prendem e metem no tronco, e para isso são avisados e encaminhados pelos Padres; fazem-lhos também trabalhar e pelejam com eles como pais com filhos se não fazem seus mantimentos. O que torna a repetir dos capitães, é como fica dito acima, e não como ele pinta.*

375

38ª Informação. – Queixaram-se a El-Rei os oficiais da câmara que os Padres não queriam obedecer aos mandados da justiça e que tinham como têm meirinhos nestas aldeias, índios delas, e que mandaram por eles prender alguns homens brancos que iam resgatar com eles, e outros a buscar os seus escravos, e além disto os espancavam e metiam no tronco, do que se queixavam à justiça, que lhes respondia que a não podia fazer contra os Padres.

Resposta. – *Estes meirinhos são postos pelos governadores e, pela muita dissolução que havia nalguma gente vadia, lhes foi dada comissão para os prender, e trazer à cidade, e não é bem que o informante faça os Padres autores destas coisas, pois não é seu hábito.*

39ª Informação. – Os quais têm por costume nestas aldeias recolherem todos os escravos alheios e índios forros que fugiram a seus senhores e se foram para seus parentes que têm nestas aldeias; e indo seus senhores ou mandando outrem por si com mandados das justiças, que tragam a juízo os fugidos para os entregarem a quem for justiça e eles respondem que os busquem e levem embora que eles não são a isso obrigados, e como os

índios estão escondidos pelos parentes, não é possível acharem-se por quem os vai buscar, e sendo caso que os achem, os Padres os não querem deixar levar dizendo que são forros e havidos de mau título, e que os não hão de deixar fazer escravos por força, no que a tem feito tamanha que até hoje não houve homem que pudesse tirar o seu escravo de seu poder se se lhe ele não tornou para casa por sua vontade, pelo que estão mui odiados com os moradores, com o bispo, com o governador, ouvidor geral, provedor mor e com os mais ministros seculares e eclesiásticos.

Resposta. – *Mem de Sá, governador que foi deste Estado, fez lei pela qual mandou que nenhum índio que se acolhesse às aldeias, em que os Padres estão, fosse entregue a seu senhor sem primeiro ele fazer certo que era seu legítimo escravo; para isto teve dois motivos: o 1º a grande devassidão que havia em roubar índios e em resgatá-los indevidamente, comprando-os a quem não podia vender, conforme a determinação da Mesa da Consciência. O 2º que ele deu sentença de cativo contra o gentio do Caeté, que mataram o bispo D. Pedro Fernandes com os que com ele iam em uma nau que deu à costa, a qual se executava sem nenhuma piedade nem diferença, tornando-os, e cativando-os em qualquer parte que os achassem como fossem desta nação; dos quais havia muitos nas ditas aldeias havia muitos anos sem serem culpados na dita morte. E a este desarranjo foi necessário acudir com esta lei. E esta guardavam os Padres e se guardou até vinda de Manuel Teles, que com o P. Cristovam de Gouveia visitador desta província, fizeram assento para quietação da terra, e porque já então não corriam tanto as razões do tempo de Mem de Sá, que os Padres não recolhessem nem consentissem nas aldeias índio nenhum nem escravo nem forro que daí por diante a elas fugisse dos moradores, o que assim se guarda de então para cá inviolavelmente; e se alguns ainda se queixam é pelo que dantes deste conserto lá estavam nos quais não se inovou nada.*

376

40ª Informação. – E na verdade estando o governador Luiz de Brito na aldeia de São Antônio, com todo o poder da Baía para ir dar guerra ao gentio do rio Real e de Ceregipe, por terem morta muita gente dos brancos que iam para Pernambuco que deram à costa naquela paragem, e terem feitos outros danos, mandando dali recado por pessoas principais aos Padres que assistiam nas mais aldeias para que lhe mandassem a gente de guerra, os quais se escusaram que o não podiam fazer, que mandasse ele línguas que os movessem a isso. Os quais foram mandados e os índios diziam em segredo que tinham boa vontade de irem à guerra, mas que os Padres em segredo lhes mandavam não fossem, e gastaram-se em recados oito dias, sem os Padres quererem consentir que os índios fossem, até que o governador fez um auto do que passava e perguntou por ele testemunhas e com isso mandou com um juiz e dois escrivães fazer um requerimento e protesto aos Padres, com o que se moveram e deixaram ir os índios à guerra.

Resposta. – *Tinham os Padres juntos muitos índios no rio Real em três aldeias em que fizeram igrejas, ensinavam a doutrina cristã; e, estando de paz e quietos o governador Luiz de Brito quis ir com grande aparato de guerra ver umas dez léguas de terra que lá tinha e os Padres lhe disseram que estavam quietos e se aparelhavam para serem cristãos, confiados no amparo das igrejas que tinham e que com isso ficava a costa segura para irem e virem por terra da Baía para Pernambuco, porque tinham já feito pazes com outras trinta aldeias do Ceregipe e que se fosse daquele maneira haviam de fugir com medo, como aconteceu, e se perderam as três igrejas com grande dor de quem as havia ajuntado com tanto trabalho e se tornaram a alevantar as trinta aldeias que tinham pacificado. E o governador mandou em pós os fugidos ao informante com outros capitães e mataram e cativaram muitos, e no reino foi julgada esta guerra por injusta e que pusessem em liberdade os cativos. E o governador faria os autos que diz o informante na forma que quisesse, mas visto está a quem se deve dar mais crédito se aos Padres se*

377

*aos índios, estando tão escandalizados do mau tratamento que recebem dos portugueses nas guerras, pois não lhe servem senão de cargo e de os porem na dianteira por barreira dos contrários.*

41ª Informação. – Ao qual governador e aos que lhe sucederam fizeram por vezes outro tanto, sobre o que tiveram com os Padres diferenças, e fizeram autos do caso do que se queixaram a El-Rei; e o mesmo aconteceu ao governador Manuel Teles pelo que se desavieram, e por não quererem entregar os escravos alheios, e os quererem fazer forros de seu poder absoluto sobre o que lhe dizem os mesmos índios, sobre os quais, e sobre as terras são todas as diferenças que têm uns com outros pelo que estão tão odiados na terra. E não é possível poder-se escrever o muito que sobre isto se podia dizer.

Resposta. – *Não podiam fazer outro tanto aos que diz, porque Luiz de Brito não fez outra guerra nem Lourenço da Veiga nem D. Francisco de Sousa como é notório. Ao que diz dos escravos já fica respondido. Sobre terras não temos diferenças. Deus seja louvado, depois que a justiça deu a cada um o seu. Não nos parece que estamos odiados nem as boas obras e vontades dos moradores o mostram. Não deixa coisa que lhe parecesse de importância quem toca tantas, que são de nenhuma como se vê nestes apontamentos.*

42ª Informação. – Costumam os Padres irem pelas fazendas da Baía e confessar a gente que por ela está espalhada nos engenhos e fazendas, onde são muito servidos e agasalhados. Os quais confessam os negros de Guiné, e índios da terra; casam os que estão em ruim estado que podem ser casados e fazem cristãos os que o não são; enfim trabalham por os pôr em bom estado e à volta destas boas obras perguntam-lhe na confissão como foram resgatados, e donde são naturais e se acham que não foi o resgate feito em forma, dizem aos índios que são forros e que não podem ser escravos, que se quiserem ir para suas aldeias que lá os defenderão, e farão pôr em sua liberdade, com o que fizeram e fazem fugir muitos escravos destes e os recolhem nas suas aldeias, donde seus senhores os não podem mais tirar, do que nasceram grandes desmanchos, e ódios e há muitos homens que não querem consentir que os Padres vão a suas fazendas e outros que defendem a seus escravos que se não confessem com os Padres nem falem com eles quando vão a suas fazendas, onde se não fazem as outras obras tão santas por atalharem a estes danos que, à volta delas, lhe nascem, sobre o que havia também muito que dizer.

378

Resposta. – *Não faltava mais ao informante que meter-se no sagrado, e secreto foro da confissão. Não passa assim o que ele diz, nem mostrará índio que por essa causa fugisse a seu senhor para as aldeias. Põem os Padres que vão às fazendas em rol à gente que batizam, que casam e que confessam para que a todo o tempo conste disso como fazem os curas, e ao tempo de os casarem porque muitas vezes casam forros com escravos, examinam o melhor que podem se são escravos ou forros, porque não deixa de ser valioso o matrimonio por erro da pessoa. Daqui nasceu ao informante a imaginação que diz, por que por essa via podiam aparecer forros muitos que ele tinha em conta de escravos. E ele foi o que não consentiu em sua fazenda aos Padres; os mais folgam muito e vem chamar Padres, porque por experiência acham que com este benefício espiritual, que seus escravos e mais gente recebem, os têm mais quietos e seguros e melhores serviçais. O qual também experimentou a fazenda do informante, aonde os Padres foram muitas vezes, estando o informante no reino.*

43ª Informação. – Sobre se eles meterem no modo de resgatar dos índios do sertão, e quererem que por nenhum caso nenhuma pessoa tenha algum índio por escravo nem por forro e que todos estejam nas suas aldeias, e sempre embargam os modos que na Mesa

379

da Consciência se assentam para haver resgates de índios, e poderem ser escravos pelas melhores maneiras que com boa consciência se podem fazer, sobre o que tem grandes diferenças com os moradores. E permite El-Rei que sejam estes índios escravos por estar certificado de sua vida e costumes que não são capazes para serem forros, e merecem que os façam escravos pelos grandes delitos que têm cometido contra os portugueses, matando e comendo muitos centos deles, e milhares deles, em que entrou um bispo e muitos sacerdotes.

Resposta. – *É grande verdade que os Padres sempre buscaram modos lícitos para os moradores terem remédio de vida. Mas não puderam satisfazer a todos, porque desejam e curam que tenham almas antes que escravos mal havidos. No que diz que estes índios não são capazes para serem forros, e que merecem ser escravos, não mostra muita teologia; testemunho é que alevanta a El-Rei dizer que permite que estes índios sejam escravos, se entende de todos, e a [gamei??].*

44ª Informação. – Além desta razão estão os reis informados que se não pode sustentar este Estado do Brasil sem haver nele muitos escravos do gentio da terra para se granjearem os engenhos, e fazendas dela, porque sem este favor despovoar-se-á, ao que os Padres não querem ter respeito, porque eles são os que tiram os proveitos deste gênio, porque os trazem a pescar ordinariamente e por marinheiros nos seus barcos e a caçar, e nos seus currais lhes guardam e cercam as vacas, éguas e porcos; trabalham-lhes nas suas obras em todos os ofícios, trabalham-lhes nas suas olarias, onde lhes fazem a telha, ladrilho, e louça necessária, trabalham-lhes com os carros, e nas roças, e no inverno andam-lhes pelas praias buscando âmbar no que lhe dão muitos proveitos, no que não querem que se aproveite a outra gente. E porque v. m. me tem já por suspeito lhe não digo mais, porque me não há de crer, nem digo o que tenho dito senão por obedecer ao que me tem mandado.

Resposta. – *O único remédio deste estado é haver muito gentio de paz postos em aldeias ao redor dos engenhos e fazendas, porque com isso haverá quem sirva e quem resista aos inimigos, assim franceses e ingleses como Aimorés, que tanto mal têm feito e vão fazendo, e quem ponha freio aos negros de Guiné que são muitos e de sós os índios se temem. O modo para o haver é ordenar como S. Mage. tem ordenado, posto que se não cumpre, que não haja nenhum escravo como não há no Peru, porque enquanto houver poderem os meter nas bolsas e vestir-se de suas peles, não há de haver gentio que abaste e se não consuma, como a experiência tem mostrado, e o informante pode ser boa testemunha, que alguma parte lhe cabe disto e boa. Os mais destes de que diz nos servimos, são nossos escravos, e pela maior parte de Guiné como ele confessa acima nº 23; a alguns forros de que nos ajudamos, como os mais moradores pagamos seus serviços. E todos eles não chegam a metade duma barcada de algumas que ele tem mandado vender a Pernambuco, e mais capitánias, conquanto zela a necessidade que a terra tem de gente que sirva. O do âmbar se fora verdade fora bom, pois se fazia sem agravo de ninguém, e dois índios bastavam-pera isso. Se alguma ora acham algum, não é para nós senão para suas confrarias, ornamentos de suas igrejas e coisas para seus doentes, e se algum pequeno nos dão é por seu justo preço. O fim de todos estes apontamentos, quanto se pode coligir deles, não foi senão indignar contra nós S. Mage. para que nos não faça mercês. Mas consola-nos que “cor regis in manu Dei est” e não na do informante, e “quodeunque volverit verset illud”. Contudo lhe ficamos em muita obrigação, pois nos avisa que olhemos por nós, e procedamos retamente como devemos diante de Deus, e dos homens, vendo que não há de faltar nunca quem à imitação do informante nos tome semelhantes residências, e é necessário viver de tal maneira que saíamos limpos delas.*

*Eu Marçal Belliarde puincial da Comp.<sup>a</sup> de Jesus neste estado do Brasil, vendo estes capítulos de Gabriel Soares de Sousa, mandei a alguns padres antigos do Brasil, que podiam saber o que a eles pertenciam, por se terem achado presentes a todas estas coisas, respondessem o que sabiam acerca deles, e depois mostrei as suas respostas a outros padres também antigos, e que podiam ter notícia do mesmo, e todos eles concordaram nelas, e para mais firmeza lhes mandei, que assinassem aqui comigo. Passa assim na verdade. Na Baía de todos os Santos, 13 do Setembro de 1592.*

381

MARÇAL BELLIARTE.

IGNACIO THOLOSIA.

RODRIGO DE FREITAS.

LUÍS DA FONSECA.

QUIRICIO CAXA.

FERNÃO CARDIM.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Capítulos que Gabriel de Sousa deu em Madrid ao sr. Dom Cristovão de Moura contra os padres da Comp.<sup>a</sup> de Jesus que residem no Brasil, com suas breves respostas dos mesmos padres que deles foram ajuizados por hum seu parêde aquê os elle mostrou (Arch. S. I. Romanum, Brasília 15, 383-389).

Fonte: Sousa, Gabriel Soares de: “Capítulos de Gabriel Soares de Sousa contra os padres da Companhia de Jesus que residem no Brasil”, en *Anais da Biblioteca Nacional (ABN)*, vol. 62, Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1940, pp. 347-381.

Os números na margem direita correspondem à paginação da publicação nos Anais da Biblioteca Nacional.

Personagens referenciados:

Antônio Salema

Bartolomeu Pires

Cosme Rangel de Macedo

Cristóvão de Gouveia

Cristóvão de Moura

Fernão Cardim

Francisco de Sousa

Francisco Giraldes

Gabriel Soares de Sousa

Garcia d'Avila

Ignacio Tholosa

João de Barros

Lázaro de Arévalo

Lourenço da Veiga

Luís da Fonseca

Luiz da Grã

Luiz de Brito

Manuel Teles Barreto

Marçal Belliarde

Mem de Sá

Quiricio Caxa

Rodrigo de Freitas

Sebastião da Ponte